



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS GERMÂNICAS
INSTITUTO DE LETRAS**

JAMILE DE OLIVEIRA SILVA

**ENSINO/APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA INGLESA: UM
ESTUDO COMPARATIVO EM CURSOS LIVRES DE IDIOMAS E NO SISTEMA
ESTADUAL DE ENSINO EM SALVADOR**

**SALVADOR
2014**

JAMILE DE OLIVEIRA SILVA

**ENSINO/APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA INGLESA: UM
ESTUDO COMPARATIVO EM CURSOS LIVRES E NO SISTEMA ESTADUAL DE
ENSINO EM SALVADOR**

Artigo científico apresentado ao Curso de Letras com Habilitação em Língua Inglesa, da Universidade Federal da Bahia, Salvador - BA, como requisito essencial para a obtenção do Grau de Bacharel em Língua Estrangeira Moderna – Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Rodrigues Lima

**SALVADOR
2014**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1 ASPECTOS TEÓRICOS	8
2 ANALISANDO OS DADOS	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	32
ANEXO 1	34
ANEXO 2	35

ENSINO/APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO COMPARATIVO EM CURSOS LIVRES E NO SISTEMA ESTADUAL DE ENSINO EM SALVADOR

Jamile de Oliveira Silva (UFBA)¹

Luciano Rodrigues Lima(UFBA)²

RESUMO: A proposta deste trabalho surge através das minhas vivências em dois espaços distintos da educação: em curso livre de idiomas, como estudante, e em duas escolas públicas estaduais, como professora substituta, durante a graduação em Letras com Habilitação em Língua Inglesa e Literaturas, na qual foi possível notar as divergências ocorridas nos dois espaços supracitados. Nesta perspectiva, visa-se discutir as possíveis modificações da práxis pedagógica no ensino de gramática, vivenciadas nas aulas de Língua Inglesa em duas escolas públicas soteropolitanas; além disso, busca-se traçar um paralelo com dois cursos livres de idiomas, também situados na capital baiana, a partir da abordagem comunicativa, através dos pressupostos teóricos de Larsen-Freeman (2009), Crystal (1985), Paiva (2009), Oliveira (2009) e Matos (2010). Ao procurar responder se a aprendizagem da gramática da Língua Inglesa, nos cursos livres de idiomas, é mais “efetiva” do que nas escolas públicas regulares, percebe-se as modificações nessa práxis pedagógica, advindas do método gramática-tradução, ainda bastante utilizado, proporcionando uma reflexão acerca das necessidades de os professores tornarem suas aulas mais atraentes, no espaço público de ensino, por meio de atividades diversificadas, geralmente encontradas em cursos livres de idiomas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Gramática; Escolas Públicas; Cursos Livres de Idiomas;

ABSTRACT: The purpose of this work comes up through my experiences in two different areas of education: free language course, as a student, and two state schools, as a substitute teacher, during the undergraduate course in Letters with certification in English Language and Literature, in which it was possible detect differences occurred in both areas mentioned above. From this perspective, the purpose discusses the possible modifications about the pedagogical practice in grammar teaching, experienced in English classes at two state schools in salvador; furthermore, we seek to draw a parallel with two free language courses ,also located in Salvador, from communicative approach, through the theoretical assumptions of Larsen-Freeman (2009), Crystal (1985), Paiva (2009), Oliveira (2009) e Matos (2010). Looking for answer if the Grammar learning ,in free language courses, is more "effective" than in regular public schools, we perceive the changes in this pedagogical práxis arising from the grammar-translation method, still widely used, providing a reflection about the needs of teachers become their lessons more attractive,in the teaching public space through different activities, typically found in free language courses.

KEYWORDS: Grammar Teaching,State Schools,Free Language Course.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido mediante as minhas vivências em dois espaços distintos da educação: no curso livre de idiomas, como estudante, e em duas escolas públicas estaduais e outra municipal, como professora substituta, durante a graduação de Licenciatura

¹ Graduanda do Bacharelado em Língua Estrangeira Moderna – Inglês, da Universidade Federal da Bahia.

² Professor Associado da Universidade Federal da Bahia.

em Língua Inglesa. Percebi a disparidade existente entre esses dois lugares e me senti incomodada, pois na minha concepção o ensino da língua inglesa deveria ocorrer da mesma maneira, tanto nas instituições públicas quanto nos cursos de idiomas.

A pesquisa se encontra dividida em seções: Na introdução, apresentarei as razões que me incentivaram a produzir este projeto, a problemática, objetivos (gerais e específicos), as hipóteses que me levaram a desenvolvê-lo, além de iniciar a discussão da fundamentação teórica. Na seção um, a fundamentação teórica começa a ser discutida e relacionada com os dados da pesquisa. A pesquisa apresenta diversos pontos de vista acerca dos aspectos constituintes da atividade do professor de língua estrangeira, como por exemplo Larsen Freeman(2001), os PCNs do Nível Médio de Língua Estrangeira(1999),etc. Na seção dois, é possível encontrar as análises dos dados, quais discussões foram levantadas entre uma pergunta e outra da entrevista, as quais apresentam reflexões de como temos agido em sala de aula e quais possíveis soluções poderemos desenvolver para solucionar os problemas vivenciados. E, por último, as considerações finais, as quais não representam conclusões, pois os temas aqui discutidos continuam abertos para novas pesquisas.

A pesquisa discute que a educação nas escolas públicas está passando por um lento processo de transformação no aspecto didático-pedagógico, visto que o método gramática-tradução(o ensino do idioma através da estrutura) ainda ocupa uma forte posição de uso em sala, ao contrário dos cursos livres de idiomas que possuem objetivos diferenciados das instituições públicas estaduais,os quais vêm buscando incessantemente uma metodologia que torne a aprendizagem o mais agradável possível sem perder a sua eficiência em ensinar a língua estrangeira. De acordo com os PCNs de Língua Inglesa do Nível Médio(1999,p.104), “... o domínio da estrutura lingüística envolve, todavia, o conhecimento gramatical como suporte estratégico para a leitura e interpretação e produção de textos”. Como os PCNs são um documento de cunho interpretativo, com base nas minhas leituras e vivências como aprendiz no curso de idiomas, e como professora substituta, permito-me considerar que o ensino de gramática necessita ser repensado para melhor atender às demandas educativas do mundo globalizado que têm clamado cada vez mais por indivíduos críticos e atuantes na sociedade em que vivem, assim como,tem sido constituída a formação dos professores, indivíduos tão importantes no processo da aprendizagem.

Percebe-se que o ensino de língua inglesa no Brasil ainda se encontra em processo de adaptação. A forma como ensinamos e aprendemos o novo idioma não nos garante a proficiência, especialmente no âmbito da oralidade. Somos condicionados a memorizar os pontos gramaticais, como se a língua se resumisse a esta única atividade. Mas onde podemos

encontrar o ensino das outras habilidades se não for na escola? A gramática não deveria ser o foco principal a ser aprendido, pois, saber “manusear” os verbos auxiliares não nos capacita a “vivenciar” a língua. Segundo Oliveira (2009, p.144) “... o professor precisa ter não só o domínio da língua, mas também a consciência do significado de ensinar uma língua estrangeira”.

Aprender uma língua exige empenho e, principalmente, pôr em prática algumas dicas que ajudem a consolidar o que foi estudado, por exemplo: se não ouvimos não aprendemos um idioma, integralmente, pois, a audição é a primeira habilidade a ser desenvolvida no processo de aprendizagem. A partir da audição e da prática oral, torna-se possível falar e ler. A gramática se faz importante no último momento, quando a escrita é solicitada:

Há três funções básicas do ensino de LE na escola pública. A primeira [...] cumprir o que o Ministério da Educação (MEC) determina por meios dos PCNs[...]a segunda [...]o desenvolvimento da leitura em língua estrangeira pode ajudar o estudante no processo de inserção cultural na medida em que ele pode se tornar um cidadão mais consciente de si mesmo e dos outros. Finalmente, a aprendizagem de línguas estrangeiras cumpre a função de ajudar o estudante a se desenvolver cognitivamente já que o auxilia na construção de conhecimentos. (OLIVEIRA, 2009, p.30)

O autor demonstra como o processo de aprendizagem da língua inglesa é posto em prática nas instituições públicas. A prática de ensino deve utilizar como base as regras dos PCNs, e dentre as atividades reveladas com maior funcionalidade durante este desenvolvimento está a leitura, recurso facilitador no progresso da compreensão sobre a língua do outro, onde podemos por exemplo identificar hábitos em comum etc, além de ser mais uma fonte de conhecimento.

Os professores, como constantes pesquisadores, devem tentar compreender as necessidades dos educandos e adaptá-las quando possível ao cronograma e planos de aula na tentativa de desenvolver a funcionalidade da língua no cotidiano do aprendiz. Surge, assim, o seguinte questionamento: A aprendizagem da gramática da língua inglesa nos cursos livres de idiomas é mais “efetiva” do que nas escolas públicas regulares?

Procurando responder a esse questionamento, esta pesquisa visa descrever, comparativamente, o ensino da gramática na sala de aula de língua inglesa, em cursos livres de idiomas e no ensino médio da Rede Estadual de Educação, em Salvador. Buscamos compreender os fatores que diferenciam o ensino da gramática de língua inglesa nas escolas públicas baianas dos cursos livres de idiomas, analisando como ocorre o processo de apreensão gramatical a partir da abordagem comunicativa, bastante utilizada nos cursos de idiomas comparando-o com o método gramática-tradução (muito utilizado nas escolas públicas). Observando a presença ou não da abordagem comunicativa no processo de

aprendizagem da língua inglesa na educação básica das escolas públicas e averiguando as metodologias que estão sendo aplicadas ao ensino de gramática da língua inglesa buscamos aferir em que essas práticas didático-pedagógicas interferem (in)sucesso do ensino de inglês como língua estrangeira.

Com base nos objetivos citados, as seguintes hipóteses foram levantadas: alguns professores não elaboram e/ou não utilizam “adequadamente” o plano de aula;algumas lacunas encontradas no processo de formação dos professores podem refletir negativamente no desempenho em sala de aula; os conteúdos programáticos dos planos de curso de língua inglesa são encabeçados por tópicos gramaticais;não há uma capacitação adequada para utilizar corretamente os aparelhos tecnológicos na sala de aula;há pouca reflexão crítica sobre a prática de ensino;os professores não recebem incentivo financeiro suficiente, para a renovação de conhecimentos.

Desse modo, a produção desse artigo surge a partir da realização da pesquisa de campo e da minha vivência em dois momentos distintos: o primeiro como aprendiz da língua inglesa em cursos livres de idiomas e o segundo como professora substituta em duas instituições estaduais de ensino médio e uma municipal (durante o curso de licenciatura em Língua Inglesa).

O interesse em estudar tal temática se dá pelas “divergências” encontradas por mim, especialmente, na forma como a gramática costuma ser explorada nos dois espaços.

A pesquisa visa, também, apresentar uma proposta através de um viés instigante que leve os estudantes de nível médio a perceberem criticamente a importância do ensino da gramática na aprendizagem da língua inglesa. Além disso, pretende ser uma ferramenta importante na compreensão da função didático-pedagógica para os graduandos dos cursos de Língua Estrangeira, pois contribui para uma reflexão sobre os meios de se ensinar a gramática e a relação desse aspecto com o ensino das diversas habilidades, mostrando as nuances que poderão ser encontradas a curto e médio prazo no sistema educacional.

Para realização de tal pesquisa, foi desenvolvido um estudo comparativo de caráter qualitativo que ocorreu em duas escolas públicas (ensino médio) e dois cursos livres de idiomas na cidade de Salvador-Ba, utilizando o procedimento da observação direta intensiva (entrevista semi- estruturada) e a observação das aulas de onze professores.

A coleta de dados possibilita comparar os discursos adotados nos dois espaços citados em comparação com os teóricos que servirão de base norteadora para o desenvolvimento da pesquisa.

1. ASPECTOS TEÓRICOS

Por muito tempo, temos visto pesquisas acerca da aprendizagem de língua estrangeira. Costumamos dizer que a criança é o indivíduo mais adequado para aprender uma nova língua, ao contrário do adulto que traz consigo a resistência. As crianças assimilam um novo vocabulário naturalmente, por interpretar aquele ato como um momento de brincadeira e não necessariamente de aprendizagem (Paiva, 2009).

O adolescente ou adulto, em alguns casos, procuram aprender um idioma por interesses acadêmicos, profissionais, financeiros. Entretanto, falar uma nova língua exige do aprendiz alguns esforços que, muitas vezes, os fazem desistir no meio do caminho. Aprender nos exige algumas competências como a expressão oral e a capacidade auditiva, pois as habilidades se complementam. Assim, é preciso explorar cada uma, em momentos diversificados, caso contrário, a compreensão integral da língua não será alcançada.

Segundo Bohn (2009, p. 171):

A tarefa de aprender uma língua seja ela materna (LM), ou segunda estrangeira (LE), envolve o desenvolvimento de competências linguísticas, isto é, capacidade de utilizar um conjunto de regras – conhecimentos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos {...} determinadas pelo contexto em que a ação linguística se realiza. (BOHN, 2009, p. 171)

A citação acima nos remete à importância que necessita ser dada, durante as aulas, ao uso do idioma estrangeiro em situações contextualizadas. Ele salienta que a consequência da aprendizagem deve ser dirigida ao uso da língua, pois de nada adiantará aprender as regras que estruturam o idioma e não saber praticá-las.

Ainda segundo Bohn, há abordagens e métodos de ensino de línguas estrangeiras que enfatizam uma ou duas dessas quatro habilidades (leitura, escrita, audição e fala) e, através destas, recomenda-se aprimorar as outras. A aprendizagem ocorre em diferentes momentos e contextos, mas o importante é que o aprendiz esteja focado nas relações entre o próprio conhecimento da língua e o mundo da vida. Vale salientar que, atualmente, autores como Claire Kramsch, no livro *Context and Culture in Language Teaching* (1993), citam uma quinta habilidade no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, a saber, a “competência cultural”.

Paiva (2009, p. 32) reforça que o sistema educacional atual, (apesar de sugerir que as habilidades sejam trabalhadas em sua totalidade, na intenção de contextualizar e justificar porque é importante aprender um idioma), não costuma por isto em prática, seja por falta de recursos ou de conhecimento das habilidades pelos próprios professores.

É importante criar expectativas acerca de um novo idioma nos aprendizes. Ao desenvolver esta consciência, o mesmo buscará formas de aprender/aprimorar o que tem aprendido na escola. De acordo com Paiva (2009, p.33):

Quando motivado o aluno usa essa língua para fazer alguma coisa fora da sala de aula: ouvir música, ouvir programas de rádio e TV, compreender falas em filmes, brincar com jogos eletrônicos, e, em alguns casos, interagir com estrangeiros. (PAIVA, 2009, p.33).

A autora propõe estratégias que exijam a prática da língua inglesa através de ações cotidianas para tornar as aulas mais interessantes e com a intenção de eliminar o mito da dificuldade da língua.

Sabemos que a gramática é parte integrante de um idioma, pois através dela é possível desenvolver a habilidade da escrita utilizando a norma padrão. Por isso, sugere-se não ficarmos presos apenas aos aspectos gramaticais durante todo o processo de aprendizagem. De acordo com Oliveira (2009, p.143)

Fazer diferente não significa que o professor vai virar a sala de cabeça para baixo e pedir aos alunos que façam coisas do outro mundo... é ter a consciência de que se o aluno precisa aprender a língua inglesa e o mundo globalizado requer certa fluência na língua ,isso significa ser capaz de ler,escrever,ouvir e falar.(OLIVEIRA,2009, p.143)

A autora defende o ensino da língua inglesa sob “uma nova perspectiva”, a de utilizar os recursos disponíveis no nosso cotidiano que nos permitam o desenvolvimento das competências necessárias para obter a fluência que o mercado tem exigido.

Segundo Vygotsky, os alunos apresentam uma forma individualizada de aprender, a depender de seus objetivos práticos, independente do objeto de estudo, porém neste trabalho abordo especificamente, a aprendizagem da língua estrangeira.

Os conceitos se formam e se desenvolvem sob condições internas e externas totalmente diferentes, dependendo do fato de se originarem do aprendizado em sala de aula ou da experiência pessoal da criança. Mesmo os motivos que induzem a criança a formar os dois tipos de conceito não são os mesmos. A mente se defronta com problemas diferentes quando assimila os conceitos na escola e quando é entregue aos seus próprios recursos. (VYGOTSKY, 1998, p. 108).

A citação acima assegura ,que a criança responde a todos os estímulos a que é exposta, entretanto deixa bem claro que o que ela aprende sofre variações de compreensão a depender de como e onde foi adquirido o novo conhecimento, ou seja, se a criança aprendesse uma atividade na escola, ela reagiria de uma forma e se a atividade tivesse sido desenvolvida em casa por vontade própria, o sentido desta seria outro.

É possível encontrar grupos de aprendizes que optam pela aprendizagem das estruturas gramaticais, em espaços educacionais diversos, por terem um objetivo direcionado à obtenção de pontos ou questões corretas, como por exemplo, em concursos, vestibulares etc, sendo permitido julgar coerente tal decisão. Entretanto, eles não se dão conta de que as estruturas estão memorizadas e a execução destas fica apenas na idealização, sem serem aplicadas na prática comunicativa(Oliveira, 2009).

A exploração do método/abordagem de ensino gramática-tradução é feita através da forma, ou seja, trata-se da gramática formal normativa e a abordagem comunicativa é representada pela base funcionalista (a prática do idioma em situações de uso e no desempenho das funções comunicativas). De acordo com Larsen-Freeman (2001, p.36) a abordagem denominada PPP (*presentation-practice-production*) que era desenvolvida através da exposição de regras gramaticais pelo professor e, posteriormente, aplicadas pelos alunos nos exercícios é ineficaz, pois não garante a transformação da reprodução massiva dos exercícios escritos em diálogos ou frases efetivas e, então, ela reforça a idéia de que a importância de aprender um idioma está no uso deste e não em conhecer um grupo de regras. Faz-se necessário reforçar que ao decidirmos aprender uma língua estrangeira, não a aprenderemos da mesma maneira que o português, pois já possuímos todo um registro anterior na língua materna.

O desenvolvimento da competência sociolingüística ou a pragmática, de base funcionalista, é o diferencial do ensino da língua inglesa através da abordagem comunicativa. Afinal, o estudante estará sendo preparado para interagir com uma comunidade.

De acordo com Crystal (1985, p. 240):

A pragmática é o estudo da linguagem do ponto de vista de seus usuários, particularmente das escolhas que eles fazem, das restrições que eles encontram ao usar a linguagem em interações sociais, e dos efeitos que o uso da linguagem, por parte desses usuários, tem sobre os outros participantes no ato da comunicação. (CRYSTAL, 1985, p. 240)

É possível lembrarmos que nem sempre o nativo de uma língua tem o total domínio da gramática. Em muitas situações ele sabe se comunicar, mas não tem “noção” do uso estrutural.

O professor, diferentemente de há muitos anos atrás, necessita enxergar o estudante como ponto de equilíbrio da aula. Se estes correspondem a compreensão do que foi ensinado, o professor percebe que pode avançar na aprendizagem. Todavia, se ele argüir e não obtiver um *feedback*, se faz necessária uma reflexão para compreender as razões que levaram ao “fracasso” no processo de ensino e como será possível reverter este quadro. Segundo Bohn

(2009, p.175): “[...]fica também cada vez mais difícil para o professor enquadrar os seus alunos nos direcionamentos de como, quando e do que aprender”.

Na aprendizagem é permitido o erro e o acerto. O professor costuma dar indícios a qual campo metodológico ele pertence, mesmo sabendo que um método específico, não garantirá o êxito desejado. É importante mesclar as metodologias/abordagens e adequá-las ao público que irá recebê-las. Bohn (2009, p.174) afirma que:

Professores ao redor do mundo criam atividades, tarefas diversificadas para serem feitas nas salas de aula, sempre na esperança de que possam finalmente criar um ambiente de aprendizagem que responda às exigências de uma sala de aula comunicativa. (BOHN, 2009, P.174)

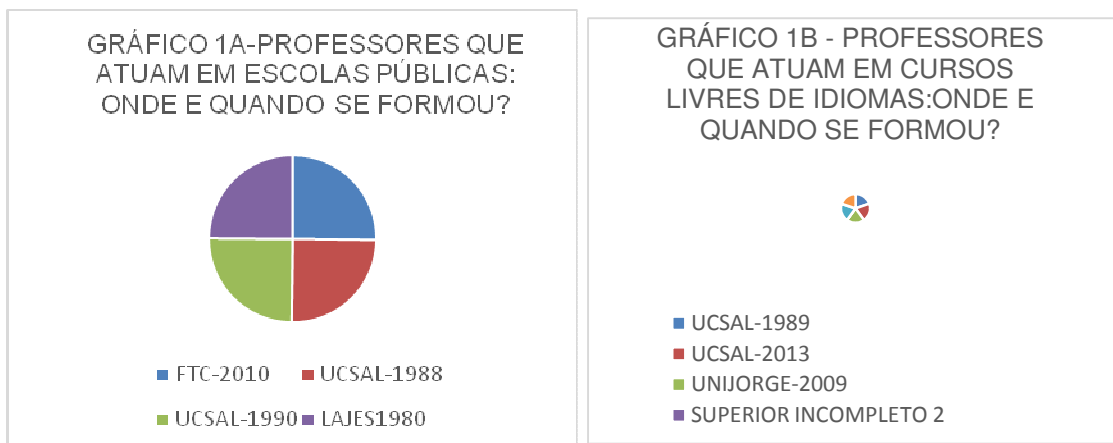
Devemos sempre lembrar aos nossos alunos que uma língua não é aprendida repentinamente, esta deve ser assimilada processualmente, e o tempo dessa aprendizagem dependerá do empenho que o aprendiz investirá neste objetivo.

2-ANALISANDO OS DADOS

O estudo comparativo de caráter qualitativo que ocorreu em duas escolas públicas (ensino médio) e dois cursos livres de idiomas na cidade de Salvador-Ba, utilizando o procedimento da observação direta intensiva (entrevista semi estruturada) e a observação às aulas dos professores em cada instituição foi nos permitindo compreender diferentes nuances acerca da formação, prática e ensino de língua estrangeira nos dois espaços.

Desse modo, as primeiras análises realizadas foram no tocante à formação acadêmica desses professores, como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 1 (Ano e local de formação)



Sabemos que o professor possui um diploma que lhe permite atuar numa determinada disciplina curricular, entretanto, isto não quer dizer que o mesmo seja capacitado para dominar todos os campos do curso de Letras, por exemplo. Segundo Paiva (2009, p.32), o professor necessita dominar habilidades relacionadas á disciplina que será ensinada, para tentar garantir a compreensão dos alunos. Assim, a forma como o profissional explora tais conhecimentos deve envolver a maioria dos estudantes, pois, sabemos que (in)felizmente não aprendemos da mesma maneira.

Ao observarmos os gráficos 1A e 1B percebemos que, parte desses profissionais foi formada em Letras com habilitação em língua inglesa entre os anos 80 e 2010. Desse modo, é possível afirmarmos que eles viveram e aprenderam em épocas diferenciadas, mas possuem algo em comum: a formação específica na língua inglesa.

O nível superior tem sido um diferencial no mercado de trabalho. Entretanto, é possível observar, com base no gráfico 1B-referente ao ano e local de formação, que nos cursos livres de idiomas, o espaço de trabalho não é ocupado exclusivamente, por professores formados em licenciaturas de línguas estrangeiras passando assim, a ser compartilhado com profissionais de outras áreas, e até mesmo ex-alunos das instituições, como é o caso de P3 e P5(anexo 2).

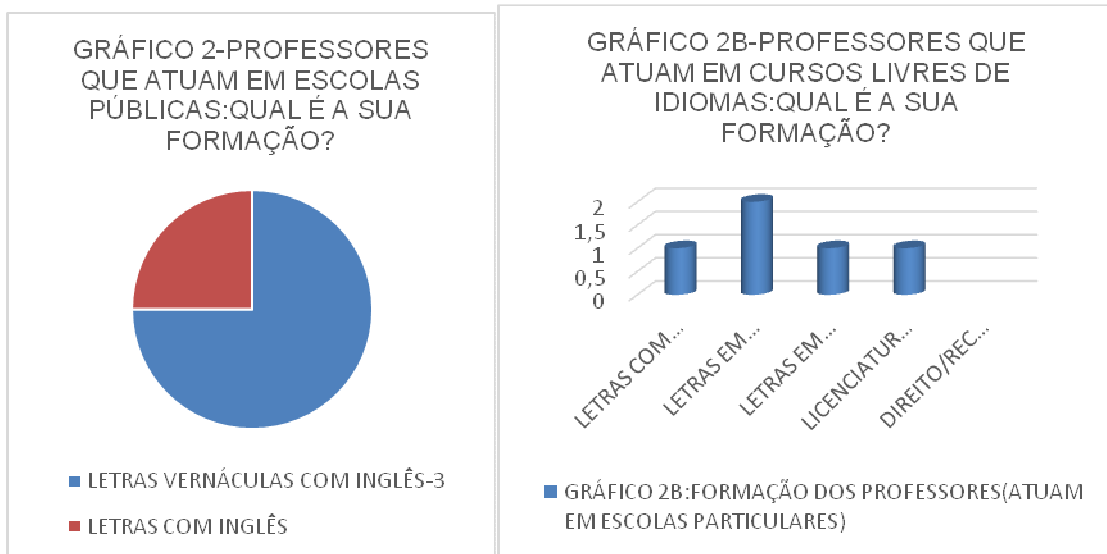
Outro aspecto a ser analisado é o número de profissionais formados em instituições particulares. Não cabe ao trabalho avaliar a qualidade ou mesmo a competência que pode ou não diferenciar a formação dos profissionais sejam em instituições particulares ou públicas, apenas, se faz relevante mencionar que em uma época, na qual o ensino superior ainda era bastante valorizado, notamos no gráfico 1B, que apenas um entrevistado teve sua formação realizada na instituição pública, a professora nomeada de P4.

Ser professor significa colaborar com a formação de uma sociedade crítica. É atuar de acordo com as necessidades intelectuais de um grupo, um facilitador que adapta as situações em favor de um bem coletivo. Por isso, o professor necessita enxergar além dos seus horizontes, o que pode ser agregado para alcançar um resultado eficiente na aprendizagem dos indivíduos que dele(a) dependem. Devido as constantes necessidades do aprender social, o professor, ao optar por determinadas formas de ensino deve levar em consideração alguns aspectos educacionais que servirão de parâmetro para garantir uma melhor aprendizagem; saberes estes que não mudam com o passar do tempo. Segundo Tardif apud Campos (2007, p.23), no livro Saberes docente e autonomia dos professores o conhecimento docente se compõe de alguns saberes:

Disciplinares (conteúdo das disciplinas), curriculares (conteúdo dos programas escolares), pedagógicos (baseados nas didáticas, nas metodologias e em técnicas pedagógicas, aprendidos na formação inicial), experienciais (fruto da experiência e da prática cotidiana do docente e do seu trabalho como professor na interação com os alunos, na gestão da classe). (TARDIF APUD CAMPOS, 2007, p.23).

Podemos afirmar que a capacitação é primordial, mas isso não quer dizer que sejamos os donos do conhecimento. Como professores, as aulas, as turmas são únicas; aprendemos dia após dia. Com base no gráfico 1B, foi possível notar que o perfil dos professores atuantes em cursos livres de idiomas tem sido modificado com o passar do tempo, porém não deve haver restrições sobre as suas práticas, se os mesmos, desempenharem o conhecimento didático necessário para ocupar a função em questão. Acredito que as situações enfrentadas pelos profissionais sem formação inicial os levarão a adquirir melhorias na suas práticas docentes.

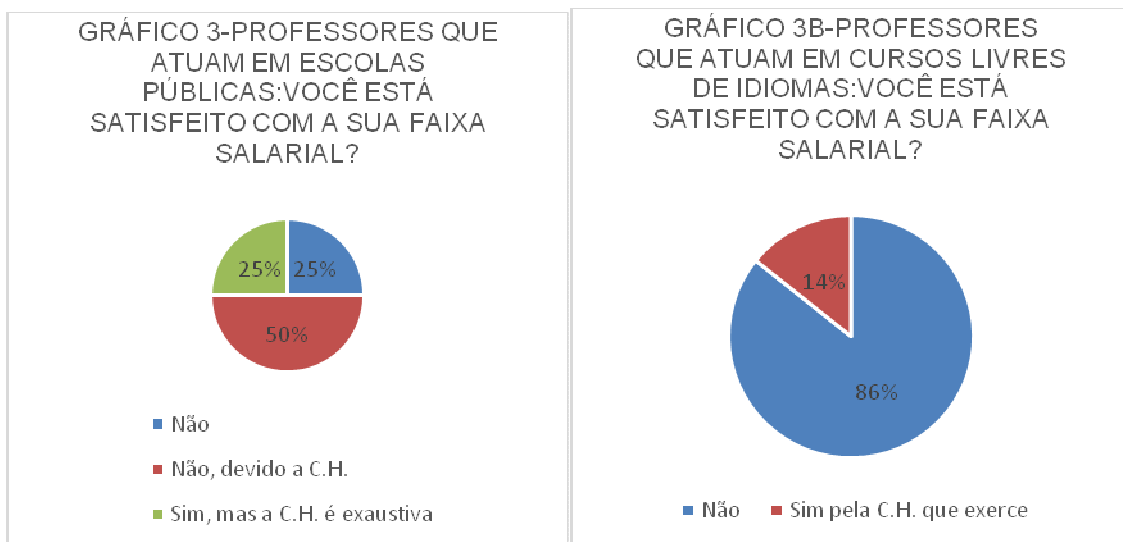
Uma segunda análise que dialoga com a formação desse professor é acerca da sua formação em licenciatura ou cursos diversos do ensino superior e o que podemos observar foi o seguinte gráfico:



Partindo da premissa de que para ensinarmos alguma disciplina se faz necessário possuímos uma formação consistente e específica, os gráficos 2 e 2B-“Qual é a sua formação?” nos mostra que, em sua maioria, as pessoas entrevistadas cumprem o pré-requisito necessário. Entretanto, com base nas observações realizadas na sala de aula desta pesquisa, não afirmo, que os professores sem Licenciatura em língua inglesa, especificamente, conduzam a aula totalmente de maneira inadequada, ou se utilizem de metodologias incompatíveis com uma melhor aprendizagem dos alunos.

Ainda com base nas informações coletadas nas observações das aulas, desses professores, em sua maioria, também demonstraram ter proficiência na língua, pois, concluíram o estudo da língua em cursos livres de idiomas e por estarem atuando neste mesmo local, é exigido deles que demonstrem essa proficiência em suas aulas. P3 afirma que: “estou no Ensino superior incompleto - direito, Universidade Católica de Salvador; curso de inglês completo em 2012”. Porém, compete-nos ressaltar que, quanto mais conhecimentos adquirirmos acerca das metodologias, melhores possibilidades de atuação e atendimento às necessidades de aprendizagem dos alunos serão desenvolvidas, assim, mais facilitada se tornará a prática de ensino.

Durante a realização da pesquisa, um dos pontos pertinentes a serem observados foi a questão salarial, uma vez que, tem sido discutido constantemente, sobre como os jovens tem se interessado pouco pelos cursos de licenciatura, a medida que, um dos aspectos diariamente associado ao ser professor é a insatisfação salarial. Consideramos pertinente tocarmos em um ponto que expressa a razão pela qual, atualmente, cada vez menos jovens se interessam pela licenciatura, como foi citado nos gráficos 1 e 1B. Com base nos gráficos abaixo:



Exercer a função de mestre no Brasil tem se tornado cada vez mais, um desafio. Durante a entrevista, quando questionados sobre a sua faixa salarial foi possível perceber uma sensação de desabafo por parte ,da maioria dos professores. Uma característica interessante foi a insatisfação, apresentada por um dos profissionais sem formação inicial. O que nos induz a pensar que não é preciso ser professor para ficar insatisfeito com quanto se ganha, estar professor também gera os questionamentos acerca da profissão e se aquele é realmente um meio de sustento. A exemplo disso podemos citar P5(vide anexo 2):

...afff..bom,eu não trabalho né?eu só dou aula aqui dia de sábado então...é por hora/aula!Eu recebo pela aula que eu dou... acho que poderia ser mais...Não tenho noção de quanto é para falar a verdade!... não sei,acho que 30?? não faço a menor idéia de quanto seria.(P5)

É possível enxergar, nas entrelinhas, um preconceito em relação à profissão, já que é comum a considerarem um passatempo. Abro um parêntese, para comentar o que ouvi de uma tia, quando passei no primeiro vestibular de Licenciatura em Língua inglesa. A mesma perguntou para qual curso eu havia sido aprovada,quando a respondi,a mesma teve uma atitude de indignação, dizendo que eu viveria com uma “cuia” na mão pedindo dinheiro e morando debaixo da ponte. Entretanto, muitos esquecem que o professor é indispensável no processo de aquisição dos conhecimentos, são eles que nos direcionam para outros campos de trabalho e que merecem tanto respeito quanto as outras profissões.

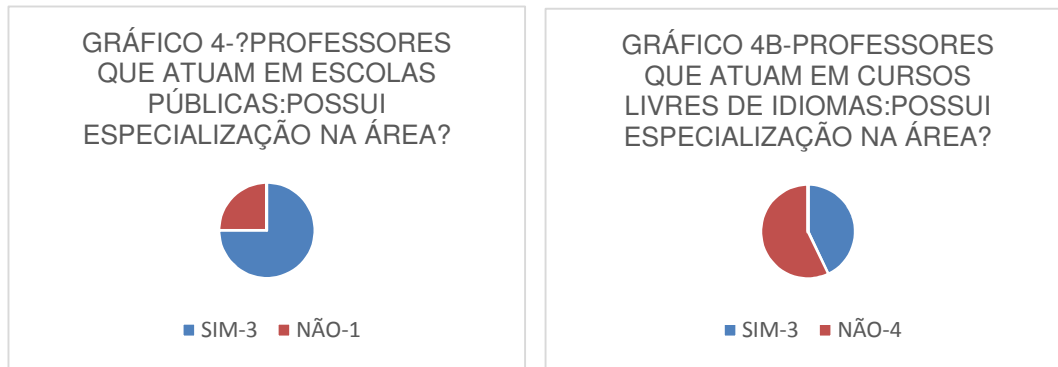
Os gráficos de faixa salarial estão interligados, aos gráficos 4A e 4B, “possui especialização na área?”, pois, adquirir títulos sejam eles de especialista, mestre, doutor, pós-doutor atualmente, carrega dupla responsabilidade: a de aprender mais para expandir conhecimentos,levando novas técnicas de aprendizagem aos alunos,assim como,a possibilidade de desfrutar de um salário maior.Observei que o professor P7 atuante em escola pública, destacou-se na pesquisa por buscar tornar possível um ensino de qualidade numa instituição que apenas tem o livro didático como recurso.O mesmo explora o material de forma que contagia a todos que o cercam.

Quando questionado sobre a satisfação salarial ele diz ainda com brilho nos olhos: “estou, mas não estou satisfeito com a carga horária de trabalho. Eu preciso trabalhar em 3 instituições. Duas públicas e uma particular. Então, o desgaste é muito grande, 60h semanais”. É possível afirmar diante da entrevista e da observação da aula, que o professor continua nessa profissão por prazer. O que não quer dizer que ele aceite receber um mísero salário, afinal, como professores somos ou deveríamos ser pesquisadores a fim de melhorarmos a nossa prática educativa. Além, de um salário digno precisamos buscar desenvolver aulas com qualidade, o que nos exige tempo e criatividade. Entretanto, para conseguirmos alcançar a dignidade que desejamos, somos obrigados a trabalhar com uma carga horária desumana fazendo com que, a criatividade por diversas vezes, não apareça nos planos de aula.

A situação se repete, quando observamos as Instituições livres de idiomas. Para os profissionais conseguirem ganhar um salário “adequado” às suas necessidades é preciso trabalhar por muitas horas e se possível, dar aulas particulares em casa. De acordo com P11(atuante em curso livre de idiomas): “a escola possui um valor diferenciado... o correto seria reduzir a carga horária... para ganhar razoavelmente, na educação normal é preciso

trabalhar os três turnos”. Infelizmente, o professor ainda não conseguiu ser visualizado como prioridade na sociedade para que se dê a sua devida valorização e reconhecimento.

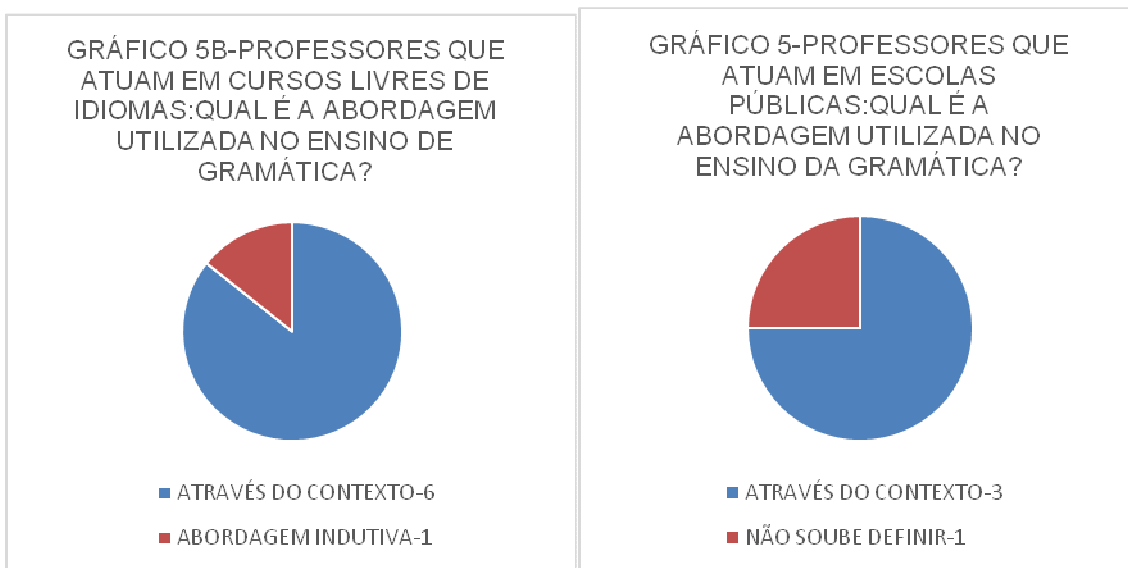
Nos gráficos 4 e 4B poderemos observar a diferença que a formação continuada pode trazer às vidas dos professores não apenas de língua inglesa, mas como um todo:



É importante notarmos no gráfico 4, que os profissionais das escolas públicas deram prioridade à formação continuada, se demonstrando, em parte, no sentido oposto à sexta hipótese da pesquisa “Os professores não recebem incentivo financeiro suficiente, para a renovação de conhecimentos” visto que, é comum julgarmos insuficientes o tempo e a renda necessária para tais aprimoramentos. Mais uma vez, P7 será mencionado por uma expressiva diferença observada nos profissionais das instituições públicas: “Tenho 3 pós-graduações. Sou pós-graduado em Educação de Jovens e Adultos, pós-graduado em Língua Inglesa, e em Psicopedagogia”.

Entretanto, diante destes resultados podemos reafirmar (como mencionado nos gráficos 3 e 3B, sobre a satisfação salarial), que os profissionais da educação, em especial os que atuam nas escolas públicas, buscam dar continuidade aos estudos, como uma forma de agregar conhecimento e/ou até mesmo como uma garantia de aumentar o salário base. A proporção de professores que possuem ou não especialização na área educativa em cursos livres de idiomas é bastante próxima, como pode ser visto no gráfico 4B. É importante mencionar que dos quatro profissionais sem especialização, P4(atuante em curso livre de idiomas), a única com formação inicial em instituição pública (UFBA) não possui o título de especialista. Assim como, P6(atuante em escola pública), P4 diz se atualizar através de livros e participações como ouvinte em seminários, congressos, etc. Dos três profissionais atuantes em cursos livres de idiomas, que afirmaram possuir títulos na área, apenas um é mestre, P10.

Podemos observar, comparativamente, que nos gráficos abaixo (5A e 5B), baseados nas respostas dos questionários acerca da “abordagem utilizada no ensino de gramática”, a maioria dos profissionais afirmaram praticar o ensino da gramática através do contexto, característica de grande relevância para a abordagem comunicativa. Entretanto, com base nas informações coletadas nas observações das aulas, 50% dos professores das instituições públicas e 25% dos docentes de cursos livres de idiomas demonstraram fazer uso de qualquer outra modalidade, como o método gramática-tradução, de modo descontextualizado.

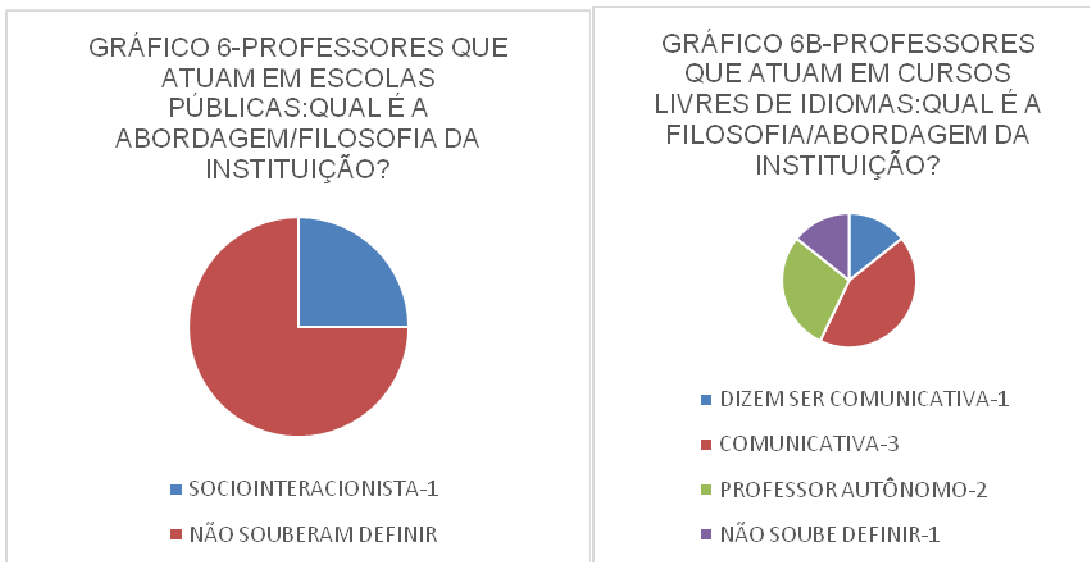


Assim, notamos uma contradição entre a prática e o discurso. Esse aspecto nos permite associarmos uma “desconexão”, com a afirmação da segunda hipótese de que “algumas lacunas encontradas no processo de formação dos professores podem refletir negativamente no desempenho em sala de aula”.

Como docentes em formação devemos estar atentos, para conhecermos e aprendermos o máximo que pudermos, afinal, não podemos esperar que os alunos pensem como nós, enquanto estudantes de graduação. O professor deve buscar capacitar-se constantemente, pois, a forma como aprendemos na Universidade limita as nossas práticas, se apenas usarmos como referências as nossas aulas. A consequência de um profissional, que não se atualiza didaticamente é a exclusão daquele aluno que aprende de forma diferenciada, indo de forma antagônica, no que concerne aos valores educacionais.

No tocante ao quinto questionamento: “a abordagem utilizada no ensino da gramática” podemos observar no gráfico que é fundamental fazer uma ressalva, uma vez que é necessário admitirmos uma falha na questão representada nos gráficos 6A e 6B – “Qual é a

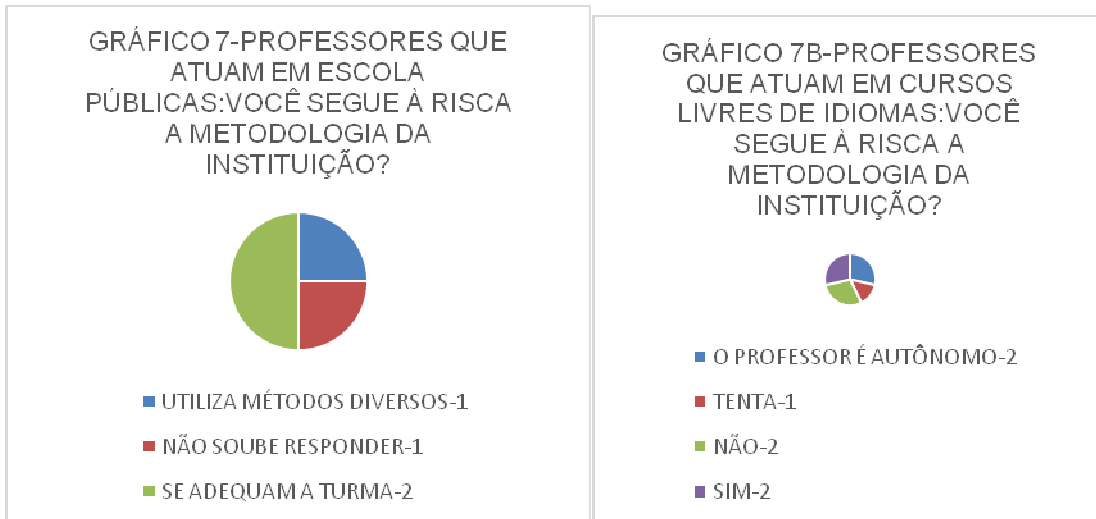
filosofia/abordagem da instituição?”. A mesma foi desenvolvida em um sentido amplo, pois é importante atentarmos para a diferença entre as “crenças”, na realidade de um projeto pedagógico, de uma instituição pública (sociointeracionista) e a de um curso livre de idiomas (o qual, na maioria das vezes, se expressa através de abordagens ou metodologias).



Os gráficos revelam que esta desigualdade pode ter influenciado negativamente nas respostas dos profissionais que atuam em instituições públicas, presentes no gráfico 6A ou não, já que, também poderíamos considerar possível a falta de conhecimento acerca da filosofia defendida pela escola. Diante destes dados, notamos a dificuldade dos profissionais P6, P8 e P9 de instituições públicas ao definirem a filosofia solicitada.

Podemos confirmar a constatação mencionada a partir do seguinte discurso de P6: “... é a gente passar o máximo de conhecimentos possíveis para eles, para que eles entendam e tenham um futuro melhor. Para eles arrumarem um trabalho melhor para eles. Principalmente inglês, né?” Entretanto, o mesmo fato ocorreu com um profissional de cursos livres de idiomas, nos levando a questionarmos se esta dificuldade seria por não se lembrar de ter participado de possíveis “treinamentos ou aperfeiçoamentos” do curso em que trabalha ou por não possuir a formação em língua inglesa. P5(atuante em curso livre de idiomas) afirma: “... não faço a mínima idéia !...hahaha..” . Outro profissional da mesma instituição, que não acredita na aprendizagem apenas, por um método/abordagem respondeu: “dizem ser a comunicativa”. Os profissionais do outro curso livre de idiomas salientaram que o mesmo se utiliza da abordagem comunicativa, porém, os professores possuem autonomia na sala de aula. Gostaríamos de lembrar, que a abordagem utilizada nos dois cursos livres de idiomas é a

comunicativa, apresentada pela pesquisa como uma abordagem eficaz na aprendizagem do inglês como língua estrangeira. Poderemos confirmá-las nos seguintes gráficos.



Percebemos a partir desse discurso que não adianta a instituição impor uma filosofia e alguns funcionários não a colocarem em prática, pois uma vez que a escola possui uma filosofia ela deve ser praticada pelos seus professores a fim de que construa ambientes melhores de aprendizagem. Contudo, é preciso perceber que ao seguir a filosofia da instituição na qual trabalhamos não estamos nos submetendo a uma impossibilidade de criatividade e inovação nos nossos planejamentos. Com base nessa prerrogativa é possível notarmos que o profissional P7 (atuante da Escola Pública) diz trabalhar com métodos diversos, visto que, a instituição em que ele trabalha se baseia no sociointeracionismo:

Não necessariamente (segue a filosofia da escola). Eu procuro usar também outros métodos... Nós usamos um livro, o upgrade que é um apoio muito bom, não é o melhor, mas nos ajuda muito e, todo livro é contextualizado, todos os capítulos partem de questões relacionadas ao dia a dia deles, dos alunos, sempre tem um texto relacionado a mercado de trabalho, a profissão e, eles tentam de uma forma ou de outra se identificar com a aquela profissão que tem ali naquele livro. (P7).

Em concomitância ao aspecto de contextualização dos conteúdos, o profissional P8(atuante em escola pública), afirma adequar as aulas à turma, entretanto, a mesma vivencia uma realidade diferenciada: primeiro a de não possuir experiência com o ensino da língua inglesa e segundo, por se tratar de uma turma EJA (nas quais, as dificuldades se tornam bem maiores do que realmente são).

É possível observarmos, que uma das instituições livres de idiomas dá o espaço necessário, para que o professor perceba as carências dos alunos e supra-as da maneira mais “confortável”, mesmo que para isso, o profissional fuja da metodologia defendida: a abordagem comunicativa. De acordo com P10(atuante em curso livre de idiomas):

[...] a instituição nos dá bastante liberdade para trabalharmos porque, hoje em dia, vivemos numa era pós-método, é... há uma discussão muito ampla sobre esse assunto, claro a gente...na hora da avaliação há uma cobrança né?!...do da gramática, da estrutura..., mas como a gente vai abordar é bastante livre. (P10)

Diante do discurso supracitado, é razoável atentarmos que o outro curso livre de idiomas que tem como objetivo, apenas, ensinar através da abordagem comunicativa. Segundo P4(atuante em curso livre de idiomas), “*Claro que não(se segue á risca a metodologia da instituição)! Porque penso que há... é preciso variar! O aluno determina a necessidade da aplicação, da variação então, eu não acredito numa única metodologia, não acredito numa única abordagem*”. No entanto, notamos uma dissonância no discurso de outros profissionais da mesma instituição, P1(por exemplo): “*sigo o máximo que posso(a metodologia da instituição)!*” É relevante ponderarmos, as diferentes opiniões dos professores numa dada instituição. Enquanto alguns consideram impossível trabalhar apenas, com a abordagem comunicativa, outros dizem tentar ou fazer uso da mesma durante o seu trajeto de ensino.

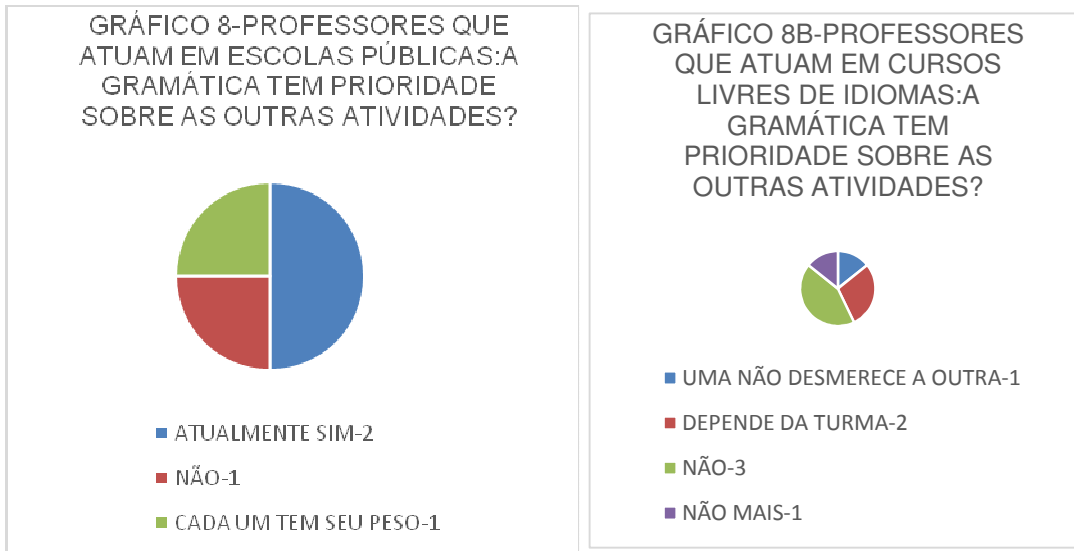
Ainda assim, nas observações realizadas em sala, percebemos em alguns momentos uma desarmonia entre o discurso e a prática. É interessante pontuarmos que o professor que foge à regra da instituição, em nenhum momento está sendo desrespeitoso, pelo contrário, ele está tentando trazer algo que aquela abordagem ou filosofia apresentou superficialmente, e que a turma demonstrou maior dificuldade de compreensão(Oliveira,2009).

Essa autonomia pode ser positiva ou não, pois a partir do momento, que fazemos o que desejamos em sala, necessitaremos usar um parâmetro do que é importante e quando será ensinado e/ou explorado nos materiais didáticos ou desenvolvidos pelos próprios professores.

O professor reflexivo e autônomo é aquele que busca, constantemente, a sua própria melhoria visando à qualidade na aprendizagem dos seus alunos. Vale ressaltarmos, que o professor autônomo deixa de ser escravo do livro didático passando assim, a ter liberdade para explorar as novas tecnologias, seja através de vídeos, músicas, desenhos animados etc, com a intenção de tornar a aula mais dinâmica e de reduzir a alienação/resistência dos estudantes

com a língua estrangeira. Pude visualizar as características acima, nos professores P7 e P9, que atuam em escolas públicas e na maioria dos professores atuantes em cursos de idiomas.

Ao serem questionados se o uso da gramática tem prioridade sobre os outros conteúdos, o que podemos visualizar foi o seguinte:



Como pode ser visto os gráficos confirmam a hipótese de que “os conteúdos programáticos dos planos de curso de língua inglesa são encabeçados por tópicos gramaticais”. Apesar de sabermos que a estrutura gramatical não nos garantirá a fluência da língua, parece mais cômodo focar na gramática, ainda que os PCNs de L.E do ensino médio solicitem a exploração das atividades relacionadas à leitura, para que, os alunos consigam interpretar as provas, as quais lhes permitirão a entrada na Universidade/faculdade.

A competência primordial do ensino de línguas estrangeiras modernas no ensino médio deve ser a da leitura e, por decorrência, a da interpretação. O substrato sobre o qual se apóia a aquisição dessas competências constitui-se no domínio de técnicas de leitura – tais como *skimming*, *scanning*, *prediction* – bem como na percepção e na identificação de índices de interpretação textual (gráficos, tabelas, datas, números, itemização, títulos e subtítulos, além de elementos de estilo e gênero). (PCN, p.97, 1999)

A leitura dos PCNs nos permite várias interpretações acerca do ensino de língua inglesa, desse modo alguns fatos significativos nas observações realizadas que dialogam com a citação supracitada pode ser observado na fala do professor P10(atuante em curso livre de idiomas): “*Eu tento contextualizar né?... cada uma(atividade)tem seu peso!*”, no entanto, durante a prática, percebemos que o conteúdo estudado, *Possessive adjective* estava escrito no quadro seguido de tradução, abaixo havia frases que os alunos deveriam completar com o

possessivo adequado e o profissional lia as frases e respondia automaticamente, sem deixar que os alunos refletissem sobre o conteúdo, isto é, os poucos presentes e menos ainda, os que estavam prestando atenção.

Outra discordância entre discurso e prática foi percebida na observação de P8(que leciona no EJA), quando diz que a gramática não tem prioridade sobre as outras atividades. Percebemos, que a gramática é o que mantém o funcionamento da língua inglesa viva, nestas turmas distintas das demais observadas, pois os alunos em sua maioria têm vontade de aprender, mas não tem condições físicas suficientes devido à carga horária de trabalho durante o dia. Apesar dessas constatações em minhas observações das aulas na EJA, P6(atuante em escola pública), justifica a utilização das atividades gramaticais devido a “ascensão tecnológica”:

Atualmente, está sendo devido a... o comportamento dos alunos. Mas a minha prioridade na verdade é conversação. Quando eu comecei aqui no... que eu dava aula mais para o primeiro ano eu dava,dava antes de ter a febre do celular,dava conversação,música, a gente fazia festa de halloween...bom,o que ta no livro,a gente segue o que ta no livro.Tem texto,a gente faz interpretação de texto,gramática com exercício,expressões.Só não dá para fazer o que realmente eu gostaria,ensinar pronúncia,diálogos!para eles saírem daqui conversando.Que eles não repete nem se quer uma palavrinha para aprender uma pronúncia. Agora eles querem ficar cantando, mexer no celular, né? a maioria então,como eu não tenho computador para preparar minhas aulas com tecnologia então,por isso que é toda no livro.(P6)

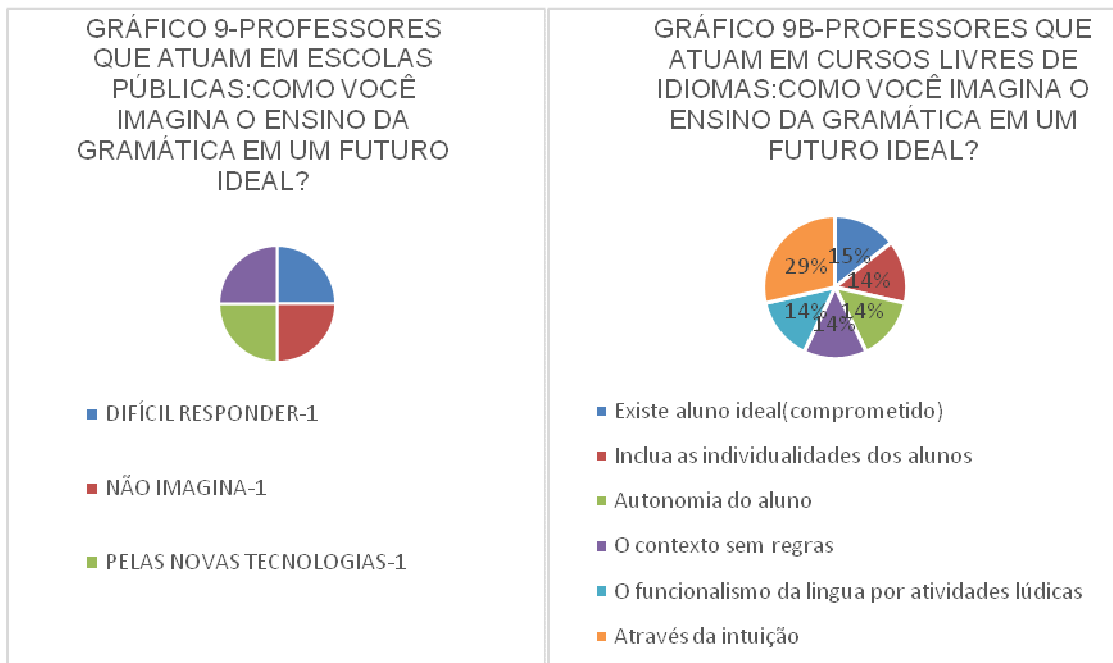
Entretanto, durante a aula pude observar que, a indisciplina dos alunos, dentre outros aspectos, refletem diretamente na prática do professor, causando-lhe desânimo em preparar uma aula instigante, tornando-se efetivo, o empréstimo do próprio material para a conferência de respostas de um pequeno grupo “participante” da aula.

As descrições acima, se mostraram contrárias às práticas de P7, que apresentou um olhar diferente sobre o descaso dos estudantes, uma vez que o profissional explora o contexto de vida dos alunos ainda que, através da gramática. Desse modo, ele consegue a atenção da grande maioria da turma: *“Sim (gramática tem prioridade)! Infelizmente, nós ainda usamos muito a gramática aplicada em sala de aula principalmente, com questões elaboradas pelo próprio professor, por mim...”*

A abordagem comunicativa compartilha da ideia de que a língua possui uma função social, e esta abordagem costuma ter êxito nos cursos livres de idiomas, por ligar a língua estrangeira ensinada aos atos da vida real. P2(atuante em curso livre de idiomas) afirma: *“Não dou ênfase à gramática. Prefiro que o aluno perceba a gramática pelo speaking e só depois que ele tenha consciência do uso dela”*. Entretanto, o professor que se propõe a ensinar esta

abordagem necessita produzir aulas interessantes, que prendam a atenção do aluno. Ao contrário da gramática, que é vista por muitos como algo monótono. No gráfico 7B, dos professores atuantes em cursos livres de idiomas, 29% afirmam que os alunos reclamam por não estudarem as regras, por fugir do contexto em que eles estão “acostumados”, no espaço da escola tradicional. Levando-nos a pensar que o espaço da gramática durante a aula deve existir, porém, com um tempo reduzido e explorado através de exemplos (preferencialmente, citando nomes dos alunos da classe para que eles percebam a funcionalidade das “regras”).

O gráfico 9A e 9B representam como os professores imaginariam o ensino da gramática no futuro ideal. Assim, observamos os seguintes dados:



Os gráficos 9A e 9B referentes às expectativas em relação ao ensino de gramática no futuro exigiu uma reflexão momentânea dos profissionais, em razão do quadro comportamental dos discentes nas escolas, como um todo. Muitos professores se questionaram na verdade, o que esperar da juventude que tem apresentado atitudes tão imediatistas.

Com os avanços tecnológicos, os estudantes têm demonstrado pouco interesse pelo ensino tradicional, baseado no discurso do professor, quadro e livro didático, das disciplinas tradicionais. Essas modificações globais, no que tange ao acesso ilimitado de informações, têm levado os profissionais a não saberem onde e em que todo esse aparato resultará. Os professores se vêem obrigados a mudar bruscamente (especialmente, quem se mantêm preso ao ensino exclusivo das estruturas da língua inglesa), a se adaptarem ao novo e, muitas vezes,

sentem-se incapazes de seguir em frente para obter de volta a atenção dos alunos. Em consonância P3(atuante em curso livre de idiomas) afirma que:

A gramática vai se dar não só pelo um segmento rígido do material ou pela tentativa de forçar uma conversação entre os alunos,mas através de atividades não relacionadas como aplicar a gramática usada nos seriados porque vemos que a gramática ortodoxa/regular tem uma fixação boa,mas dependendo da faixa etária ahhhh... o modo como eles se adaptam é totalmente diferente então,usar atividades não relacionadas com o livro,não relacionadas com o material,nem com a abordagem do curso ,mas com um método totalmente diferente como seriados,músicas que apliquem aquela gramática que possamos mostrar como ela realmente funciona. (P3).

P3 fala de uma aprendizagem, que já vem ocorrendo aos poucos, com a gama de seriados que tem ganhado espaço na TV aberta e, principalmente, nos canais fechados, muitos alunos tem feito uso desses recursos, não sabemos exatamente as causas(se é provocada pelo enredo da trama ou com o intuito de aprender a língua em questão, tais suposições caberia numa nova pesquisa), mas não podemos deixar de considerar, que estas atividades podem sim contribuir com o desenvolvimento deles.

Apesar de, parecer controversa a atitude mencionada a seguir, o professor P10 citado nos gráficos sete, como reprodutora do método gramática tradução sem a devida reflexão diz que as novas tecnologias darão suporte ao ensino do inglês e que ela trabalha com músicas de vez em quando solicitando que os alunos preencham as lacunas, etc.

Ao contrário de P10, a P6 diz preferir pensar no presente por não saber o que esperar do futuro, vejamos:

Não imagino ainda!Eu prefiro pensar no presente, né?Mas o ideal que queria mesmo é que eles entendessem o assunto. Eu explico exemplos, e eles têm ali, no livro eles têm os exemplos é só seguir a, o as dicas com esses exemplos, eu falo pra eles. Agora, se eles não prestam atenção!Aí é com eles, eles se acham adultos nessa idade. Eles se acham, mas a gente vê que o comportamento não é. (P6)

Segundo P6, a liberdade que tem sido dada aos jovens tem dificultado o convívio em sala de aula. Eles só conseguem interagir com pessoas da mesma faixa etária e com pensamentos parecidos. P8(vide anexo 2) tem a esperança de que a gramática será ensinada de acordo com a realidade dos alunos. A mesma citou, por exemplo, que os livros didáticos selecionados pelas escolas deveriam ser “regionalistas”, pois, os alunos do Sul enfrentam situações diferentes dos nordestinos e infelizmente, são estes os mais produzidos e selecionados.

Segundo P11(atuante em curso livre de idiomas), não existe um futuro e uma gramática ideal, mas sim, um aluno comprometido, dedicado com a sua aprendizagem. É

possível observarmos um equilíbrio entre os discursos de P6, quando retrata a liberdade da juventude juntamente, com o de P11 sobre o benefício que o aluno adquirirá se tiver a curiosidade para aprender, isto independe do seu objeto de interesse. Assim, os outros profissionais defendem que a autonomia será o diferencial no futuro, pois, apesar dos estudos mostrarem que o aluno deve ser o centro da aprendizagem, de acordo com a entrevista, nem todos buscam este conhecimento aleatoriamente. Sabemos que tudo em excesso leva-nos a prejuízos (ir)reparáveis, porém, podemos enxergar a tecnologia como aliada para desenvolver a criticidade e interesse dos educandos em aprenderem outros idiomas, tornando-os seres autônomos neste mundo que exige múltiplas aptidões (Paiva, 2009).

Notamos, em nossa pesquisa, que parte do ensino da gramática nas instituições públicas foi desenvolvida de forma solitária, com vocabulários que não apresentaram conexão com o tópico gramatical ensinado. Tais situações demonstraram um contraste com a aprendizagem da gramática através da abordagem comunicativa, que foca nas ações cotidianas dos aprendizes, pois acredita que a prática destas ações levará a real compreensão do que está sendo dito e estudado.

O processo de ensino através do método gramática-tradução ocorre mecanicamente, não exigindo dos alunos um conhecimento prévio e seqüencial, pois, a “falsa compreensão” é analisada no momento em que o aluno está desenvolvendo as atividades, ao contrário da abordagem comunicativa, que faz os alunos trabalharem com os aspectos cognitivos e sociais, trazendo esses conteúdos à tona constantemente. De acordo com P1 (anexo 2): “A gramática não sobrepõe as outras habilidades, um idioma é formado por três pilares: *Grammar, vocabulary, comprehension (fluency e talking)*”. É possível perceber, que cada aspecto ensinado através da gramática funcional tem o seu devido espaço, com o intuito de solidificar a aprendizagem do idioma.

Outra vantagem da abordagem comunicativa sob o método gramática-tradução são as possibilidades de materiais disponíveis para adaptar os alunos aos diversos contextos. Para reforçar as informações acima, Matos (2010, p.27) afirma que os professores são os propagadores da competência comunicativa, pois foram formados para executar àquela “missão”. A mensagem anterior retrata o uso da abordagem comunicativa, como um mecanismo de realizar a aprendizagem da língua inglesa, através do contexto social. Enquanto P10, ocupante do espaço estadual público diz, que cada habilidade tem seu peso e que a escola, não colabora com a aprendizagem de uma língua estrangeira, por não possuir recursos. Ela leva o próprio notebook para a sala de aula quando planeja trabalhar com músicas.

Notamos durante a pesquisa, que uma das possibilidades para o uso excessivo da gramática, seja a falta de domínio do idioma por parte dos profissionais. O medo do “novo”, visto que nas escolas públicas, raramente, os professores fazem uso da oralidade e até mesmo das atividades auditivas. As práticas citadas acabam minimizando a capacidade de aprendizagem dos alunos, em especial, os que apresentam facilidade de aprendizagem através da audição. Há quem prefira aprender através de desafios, da ludicidade, características que o demasiado exercício gramatical não explora. Outros fatores também necessitam ser observados, como a falta de interesse pelas aulas, de materiais, etc.

Apesar de termos o ensino da L.E em comum com as instituições analisadas, faz-se necessário reforçar a diferença de objetivos incutidas nas mesmas: os cursos livres de idiomas são opções, que algumas pessoas agregam às suas vidas, ao contrário, das escolas públicas estaduais, que se apresentam como uma condição necessária e obrigatória, pela falta de outras oportunidades, para grande parte da população. Neste sentido, também se faz importante lembrar que o nível sócio econômico diferencia os públicos inseridos em ambos os contextos institucionais.

Uma atividade de grande utilidade que conseguiria ensinar a língua inglesa em um sentido amplo e independente de condição social, além de estar cumprindo o objetivo dos PCNs de língua estrangeira é a leitura do texto. Segundo Lima (2009), no artigo “Texto e discurso no ensino de inglês como língua estrangeira”:

O texto, em suas diversas modalidades e através de vários canais, ou seja, o texto escrito (impresso ou em tela) em diferentes gêneros, tipos e registros, oral falado, oral cantado ou oral teatralizado, deve ser apresentado ao estudante antes dos tópicos gramaticais... a aprendizagem através de textos propicia ao estudante uma maior autonomia. Os significados de um texto não estão previamente estabelecidos como uma regra gramatical. (Lima, 2009, p.2 e 3).

Ele apóia uma aprendizagem diferenciada da língua inglesa através do texto, com a finalidade de desenvolver a criticidade sócio-cultural, léxico-gramatical acerca da L.E, independente da configuração (impressa ou pela tela) apresentada ao leitor-aprendiz.

Não podemos negar que houve um curto progresso na forma de ensinar a língua inglesa na escola pública, porém é pertinente e urgente que os professores se envolvam em projetos “inovadores” para tornar viva a língua estrangeira na escola pública. Pelo desejo de pôr em prática essa idéia, outras pesquisas virão para servir de respaldo às possíveis dúvidas que venham a surgir no caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi com satisfação, que desenvolvi esta pesquisa, pois como foi mencionado no início dela, a idéia surgiu mediante a minha inquietação por ter participado de dois ambientes de ensino tão diferentes (o curso de idiomas e a escola pública) e por perceber as oportunidades de aprendizagem em cada situação surgida em ambos os espaços, as quais se constituíram em vivências muito importantes para uma professora em formação.

Durante a pesquisa foi possível confirmar ou supor, que alguns fatores pudessem contribuir, para a não ocorrência de uma educação desejada por todos ou pela maioria dos cidadãos. A hipótese um, de que alguns professores, não elaboram e/ou não utilizam (adequadamente) o plano de aula, apresentou uma lacuna, pois, não foi confirmado que os mesmos não se baseiam neste documento tão necessário para a execução das aulas.

A segunda, de que algumas lacunas encontradas no processo de formação dos professores, podem refletir negativamente no desempenho em sala de aula foi constatada, especialmente através dos profissionais, que não tem a formação em Letras, porém também podemos considerar esta hipótese, em relação aos professores atuantes em instituições públicas.

A terceira hipótese, não deve ser considerada uma surpresa, pois, sabemos que há muito tempo, os conteúdos programáticos dos planos de curso de língua inglesa são encabeçados por tópicos gramaticais. nas escolas públicas.

Com relação a quarta suposição(não há uma capacitação adequada para utilizar corretamente os aparelhos tecnológicos na sala de aula); poucos profissionais das escolas públicas utilizam recursos tecnológicos, visto que, nos locais de trabalho apenas, dispõem das TVs pen drive que muitas vezes, nem funcionam. Portanto, este fato impossibilita a confirmação supracitada.

Em contra partida, a quinta hipótese(há pouca reflexão crítica sobre a prática de ensino), em consonância a hipótese dois, pode ser considerada verdadeira mediante as práticas dos professores observadas pela pesquisadora.

A sexta hipótese(os professores não recebem incentivo financeiro suficiente, para a renovação de conhecimentos), em parte não pode ser considerada verídica já que, os profissionais recebem um acréscimo no salário base a cada aperfeiçoamento adquirido. Não é possível dizer que o salário é satisfatório, pois, teoricamente para ganhar bem, se faz necessário estar em contato constante com os estudos, característica do professor pesquisador.

Talvez seja possível confirmar, a compreensão dos fatores que diferenciam o ensino da gramática de Língua Inglesa nas escolas públicas baianas, dos cursos livres de idiomas

visto que, foram percebidos os espaços, o público e os “protagonistas” do processo de ensino e aprendizagem; além do aparato tecnológico que os diferentes locais apresentam ou não.

Foi analisado como ocorre o processo de apreensão gramatical, a partir da abordagem comunicativa, bastante utilizada nos cursos de idiomas; comparando com o método gramática tradução (bastante utilizado nas escolas públicas), e percebeu-se que os objetivos são diferentes e conseqüentemente, as práticas também.

Confirmou-se, a ausência da abordagem comunicativa no processo de aprendizagem da Língua Inglesa na educação básica das escolas públicas visto que, as possíveis deficiências dos professores e até mesmo, o pouco conhecimento dos alunos acerca da língua, influenciam no ambiente de aprendizagem.

Averiguaram-se as metodologias, que estão sendo aplicadas ao ensino de gramática da Língua Inglesa e aferiu-se que, essas práticas didático-pedagógicas interferem negativamente, na maioria das situações para o sucesso e assimilação do ensino de inglês como língua estrangeira, especialmente, nas instituições públicas, pois nos cursos livres de idiomas é comum, a rotatividade dos professores durante o ciclo de aprendizagem, que pode ou não garantir este sucesso; tão importante para a socialização dos indivíduos em questão (os alunos).

Através da variável representada nos gráficos 1 (um) e 1B pude constatar que o grupo de sujeitos entrevistados havia formado um contingente heterogêneo e bastante rico de informações, já que cada um havia iniciado a formação acadêmica em anos distintos, bem como através de histórias de aprendizagem acrescidas das suas individualidades. Outro atributo surpreendente foram os locais escolhidos para a sua formação profissional, confirmando que as instituições públicas de educação superior, sejam Federais ou Estaduais, ainda são munidas de grande prestígio.

Nos gráfico 2 (dois) e 2B tive a possibilidade de conhecer quem eram eles no contexto acadêmico, e a qual área acadêmica eles pertenciam. Admito não ter me surpreendido ao saber que nem todos os professores participantes da pesquisa possuem a graduação em Letras, visto que se trata de uma questão corriqueira, principalmente nos cursos livres de idiomas. Como foi relatado anteriormente, a qualidade das aulas desses profissionais pode, teoricamente, ser tão boa quanto a dos professores graduados em língua inglesa.

Entretanto, não podemos fingir que os profissionais sem formação inicial em Letras não necessitem se dedicar ao conhecimento acerca das abordagens e métodos, do mesmo modo que obter noções de didática. Este é um elemento crucial para garantir mais eficiência

no ensino, pois em alguns momentos Notamos, que a falta deste “recurso” pode ter refletido negativamente no desempenho almejado.

Não há como falar do ser professor e não citar a questão salarial. É possível dizer que se trata de uma profissão invisível, apesar de ser a geradora das outras. O professor só é lembrado pela sociedade quando os filhos de outros profissionais passam por problemas educativos, as notas baixas, a não compreensão dos conteúdos, ou no dia quinze de outubro para mostrar as estatísticas oficiais. Poucos a tratam com seriedade. O preconceito contra ser professor sempre existiu e permanece na época atual. A falta de compromisso com o professor é tão nítida que, através dos gráficos 3(três) e 3B podemos visualizar o desgaste sofrido por esses profissionais para conseguirem ter uma vida digna (sob o ponto de vista salarial apontado pelos próprios sujeitos pesquisados). O único profissional que afirmou estar satisfeito com o seu salário trabalha menos de dez horas semanais e considera adequado o valor que recebe pelas poucas horas trabalhadas.

Além dessa desvalorização profissional, há a exigência das instituições pela formação continuada, pelo profissional qualificado. Esta última característica vem sendo requerida em todas as profissões no mercado de trabalho corrente, situação correspondente aos gráficos 4(quatro) e 4B sobre a especialização na área de Letras. Ainda através destes gráficos podemos observar que alguns professores preferem se atualizar através de congressos. Acredito que estes optem por esta estratégia por se tratar de uma capacitação rápida. Os que sentem a necessidade de aprimorar os seus conhecimentos buscam um curso mais consolidado sobre o assunto de seu interesse. Contudo, não se deve acreditar que optar por um curso um pouco mais denso do que um seminário nos garantirá outro retorno além do financeiro visto que, nas instituições públicas, os títulos adquiridos ajudam na progressão funcional, quando é acrescida uma porcentagem no salário base.

Em relação ao objeto central desta pesquisa, quando perguntados sobre a abordagem utilizada no ensino da gramática foi percebido um hiato entre o que foi dito na entrevista e o que foi posto em prática em sala por parte de alguns professores, nos dois âmbitos institucionais. Em mais de um dos professores que disseram trabalhar a gramática por meio de contextos, durante as minhas observações das suas aulas, notei a ausência parcial e, em outras circunstâncias, a ausência total dessa contextualização.

Os gráficos 6(seis) e 6B referentes à abordagem ou filosofia utilizada pelas instituições mediante o questionamento amplo não me permitem fazer uma apreciação minuciosa sobre a coerência entre o que foi dito na entrevista e o que foi observado na prática da sala de aula, entretanto não posso deixar de indagar: como um profissional não tem noção do que rege ou

deveria servir de suporte às suas aulas? Na minha concepção isto pode expressar o desconhecimento da qualidade do trabalho que executa, se está agindo corretamente, o que é esperado dele pelo seu coordenador. Para a nossa surpresa, esta situação ocorreu nos dois espaços de ensino analisados.

Como complemento das questões representadas pelos gráficos 6(seis) e 6B, eu perguntei se os professores seguiam essa filosofia/abordagem à risca e verifiquei que professores atuantes nas escolas estaduais públicas, que fazem uso do método gramática-tradução, dizem adaptar as aulas à necessidade da turma, assim como também ouvimos de um profissional destas escolas e de dois professores dos cursos livres de idiomas que é impraticável o uso de apenas uma abordagem/filosofia. Ou seja, eles levam em consideração que o aluno, ou melhor, o ser humano é múltiplo; não há como aprender apenas “daquele jeito”(de uma única forma). Devo citar que também ouvi e confirmei de outros professores que a autonomia faz parte do seu cotidiano. Lembro que a autonomia é tão importante quanto o conhecimento dos métodos e abordagens citado na análise dos gráficos 2(dois) e 2B.

Nas variáveis representadas nos gráficos 8(oito) e 8B mais uma contradição foi constatada. Professores da escola pública que dizem distribuir as atividades relativas às habilidades na mesma proporção fazem uso sim, de atividades de *listening*, porém o foco ainda é mantido no método gramática-tradução. No contexto, do ensino de inglês como língua estrangeira nas escolas públicas pesquisadas, há quem defenda que o livro utilizado; ajuda a diversificar a forma de trabalho, mas a pesquisa constatou que, a gramática ainda continua sendo o centro do ensino por existir uma carga horária curta em cada turma e o número de conteúdos estruturais constantes dos programas serem amplos. Neste sentido, a pesquisa realizada levanta a seguinte questão (geradora de novas pesquisas): a abordagem comunicativa conseguiria tornar as aulas mais dinâmicas e, por que não dizer, interessantes?

Nos últimos gráficos 9(nove) e 9B as expectativas de parte dos professores sobre o futuro do uso da gramática no ensino de inglês como língua estrangeira em seu ambiente de ensino foi bastante vaga. Alguns disseram, nas entrelinhas, que “se hoje está “ruim” o que poderemos esperar mais à frente?” Já os profissionais dos cursos livres de idiomas deram dicas que já vêm sendo trabalhadas na abordagem comunicativa como: a aprendizagem através de atos cotidianos dos alunos, vídeos, músicas. Outro profissional, porém, disse que a aprendizagem dos alunos dependerá exclusivamente deles. É pertinente citar que como professores somos mediadores do processo de aprendizagem de uma turma e que a parte que nos cabe deve acontecer da maneira mais responsável possível.

Penso que cada habilidade necessita ser trabalhada de forma igualitária ou, de acordo com o objetivo dos aprendizes. Uma característica que marcou as observações no ensino de língua inglesa em instituições públicas foi a ênfase nos tópicos gramaticais. Este fato me permitiu confirmar a hipótese de que os tópicos gramaticais ainda são a âncora do ensino de língua inglesa nas escolas públicas.

Percebi, também, uma forte aceitação por parte dos profissionais atuantes em escolas públicas em adotar as atividades gramaticais como recurso principal no processo da aprendizagem de língua inglesa. Acredito que falte uma reflexão por parte de alguns professores deste espaço citado sobre o que é necessário estudar e como poderão reformar suas práticas pedagógicas, através das mudanças globais que temos enfrentado. É possível que a abordagem comunicativa, se implementada; no ensino de inglês como língua estrangeira da educação básica do sistema estadual de educação, em nosso estado, poderá trazer mudanças significativas no contexto didático-pedagógico, tornando as aulas mais interessantes e proporcionando melhores resultados.

REFERÊNCIAS

- BOHN, Hilário Inácio. O método "soberano" para o ensino e aprendizagem de língua inglesa. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org). *Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 p 169- 178.
- CAMPOS, Casemiro de Medeiros. Saberes docentes e autonomia dos professores. In: _____ *Saberes docentes e autonomia dos professores*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1985. p. 240.
- LARSEN-FREEMAN, D. Grammar. In: CARTER, R. & NUNAN, D. (Eds.), *Teaching English to Speakers of Other Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- LIMA, Diógenes Cândido de (org). *Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*/Diógenes Cândido de Lima (org). São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- KRAMSCH, Claire. *Context and Culture in Language Teaching*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1993.
- MATOS, Francisco Gomes de. Como usar uma linguagem humanizadora: orientação para professores de línguas estrangeiras. In: MOTA, Kátia e SCHEYERL, Denise(orgs). **Recortes interculturais na sala de aula de Línguas Estrangeiras**. Salvador: EDUFBA, 2010, -2 ed.p.21-36.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens códigos e suas tecnologias. PCN. Ensino Médio*. Brasília/DF: MEC – Secretaria de Educação Média e Tecnológica(SEMTEC),1999.disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagen02.pdf>.
- OLIVEIRA, Adelaide P. Abordagens alternativas no ensino de inglês. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org).*Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.p.141-150.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública. In: In: LIMA, Diógenes Cândido de (org). *Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*. -São Paulo: Parábola Editorial, 2009.p.21-30.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e.O ensino de Língua estrangeira e a questão da autonomia. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org).*Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*. -São Paulo: Parábola Editorial, 2009.p.31-38.

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REFERÊNCIA ELETRÔNICA:

LIMA, Luciano R. “Texto e discurso no ensino de inglês como língua estrangeira. In: LIMA, Luciano R. *Literatura, crítica, teorias*. Disponível em:< www.docentes.uneb.br/lucianolima>. Acesso em: 20 nov. 2014.

ANEXO I QUESTIONÁRIO

1-ONDE E QUANDO SE FORMOU?

2-QUAL É A SUA FORMAÇÃO?

3-VOCÊ ESTÁ SATISFEITO COM A SUA FAIXA SALARIAL?

4-POSSUI ESPECIALIZAÇÃO NA ÁREA?

5-QUAL É A ABORDAGEM UTILIZADA NO ENSINO DE GRAMÁTICA?

6-QUAL É A ABORDAGEM/FILOSOFIA DA INSTITUIÇÃO?

7-VOCÊ SEGUE À RISCA A METODOLOGIA DA INSTITUIÇÃO?

8-A GRAMÁTICA TEM PRIORIDADE SOBRE AS OUTRAS ATIVIDADES?

9-COMO VOCÊ IMAGINA O ENSINO DA GRAMÁTICA EM UM FUTURO IDEAL?

ANEXO II DADOS DOS ENTREVISTADOS

P1: Sexo masculino atua em curso livre de idiomas, possui Licenciatura em História e atualmente, estuda Letras.

P2: Sexo feminino, atua em curso livre de idiomas, possui Pós graduação em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa, Licenciatura em Letras com Língua portuguesa e Inglesa e Bacharelado em Língua Inglesa.

P3: Sexo masculino atua em curso livre de idiomas, ensino superior incompleto-Direito.

P4: Sexo feminino atua em curso livre de idiomas, possui Licenciatura em Língua Inglesa.

P5: Sexo feminino atua em curso livre de idiomas, ensino superior incompleto - relações públicas.

P6: Sexo feminino atua em escola pública estadual, possui Licenciatura em Letras-Inglês e Português.

P7: Sexo masculino atua em escola pública estadual, possui três especializações: Educação de jovens e adultos, Língua Inglesa e Psicopedagogia, Licenciatura em Letras e Língua Inglesa.

P8: Sexo feminino atua em escola pública estadual, possui especialização em Língua Portuguesa, Licenciatura em Letras com Inglês.

P9: Sexo feminino atua em escola pública estadual, possui especialização em gestão e Licenciatura em Letras vernáculas com Inglês.

P10: Sexo masculino atua em curso livre de idiomas, possui Mestrado em Letras, Especialização em Língua Inglesa e Licenciatura em Letras com Inglês.

P11: Sexo feminino, atua em curso livre de idiomas, mestrado em curso, MBA em marketing, Pós graduação em Letras e Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Inglesa.